

Prazer em conhecer **PRAINHA DO MARÓ**



RIO MARÓ

Realização:



Apoio:



FORDFOUNDATION

Na linha de Frente das Mudanças Sociais

OS AUTORES 3

PRA COMEÇO DE CONVERSA 4

PASSO A PASSO 5

A RESEX-TAPAJÓS/ARAPIUNS 6

LOCALIZAÇÃO 7

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA 8

MAPAS DE PRAINHA DO MARÓ 10

A VIDA COMO ELA É 13

UM POUCO DE NOSSA CULTURA 17

LENDAS E CAUSOS 18

GLOSSÁRIO 19

FICHA TÉCNICA 19

**Prazer em Conhecer
PRAINHA DO MARÓ**

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2013

Os autores

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade colhida em setembro de 2013, realizada com uma metodologia própria, criada a partir dos encontros e das visitas às comunidades, somada à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental.

A autoria deste trabalho deve ser atribuída principalmente aos comunitários de Prainha do Maró, homens, mulheres, crianças, jovens e adultos que estiveram presentes e voluntariamente prestaram seus depoimentos, com o objetivo de levantar informações para construir coletivamente a Cartilha Prazer em Conhecer.

“Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim, uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã.”

Essa foi a maneira escolhida para garantir a transmissão de conhecimentos que se fundam na oralidade e valorizam e difundem as riquezas do patrimônio material, cultural e imaginário dos povos tradicionais da floresta, para as Escolas, para os movimentos sociais e ambientais e para quem, de um modo em geral, se preocupa com os povos da floresta.

Os dados gerais e sócios econômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Enfim, mais um instrumento para mostrar que “debaixo da floresta da gente tem gente.”

“O mundo não é, o mundo está sendo.” (Paulo Freire)



Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais; o reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente, há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público, sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos, florestas. O conhecimento que está na “memória popular” sobre as comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, com seus atrativo e potenciais desafios.

Por isso, no intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e Fundação Ford, vem realizando um trabalho de documentação e divulgação denominado “PRAZER EM CONHECER”.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades da maior Unidade de Conservação de uso sustentável do Município de Santarém: a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns. Uma região tradicionalmente ocupada por populações de descendência indígena, que ao longo do tempo se misturaram com migrantes e colonos de diferentes origens e hoje vivem em comunidades que se formaram a partir das antigas vilas de velhas missões e aldeias indígenas.

A proposta é a ampliação do conhecimento sobre a floresta e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha mostra a Comunidade de Prainha do Maró, uma das últimas comunidades da Resex Tapajós-Arapiuns subindo o Rio Maró, contendo abordagens históricas, curiosidades e mapas da comunidade. Elaborada a partir de informações coletadas em processos de mapeamento socioambiental participativo, é um retrato atual da realidade desta comunidade contada pelos próprios moradores.



Passo a passo

O processo de mapeamento participativo ao mesmo tempo utiliza a "memória" da comunidade como principal subsídio, também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos menor risco de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe às comunidades, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método ANDRAGÓGICO, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando a oportunidade de falar-se a "mesma língua" e a seguir chegar a construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências com a contribuição de diversos atores do ELENCO SOCIAL envolvido.

Podemos comparar o caminho percorrido a uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.



SÍNCRESE – A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem a sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.



ANÁLISE – “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e seus conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE – A troca de experiências permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “lâmpada é remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.





A RESEX-Tapajós/Arapiuns

Prainha do Maró, situada no alto do Rio Maró, é uma comunidade polo da Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns, uma unidade de conservação de uso sustentável situada entre a margem esquerda do Rio Tapajós e a margem direita do Rio Arapiuns, numa área total de 647.610,74 ha, a Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns abrange 74 comunidades localizadas nos municípios de Santarém e Aveiro.

Criada em 1998, a Resex foi o resultado de anos de luta da população da região contra madeireiros que exploravam de forma predatória os seus abundantes recursos florestais. A partir daí, os moradores das regiões do Rio Arapiuns e Rio Tapajós se unificaram com o objetivo de impedir o avanço das empresas madeireiras que exploravam os recursos naturais sem promover o desenvolvimento da região.

Surgiu então o Grupo de Trabalho da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns (GT Resex), composto por ONGs, Associações Comunitárias e entidades de base. Em novembro de 1997, numa grande assembleia na Comunidade de Tucumatuba, por meio de um abaixo-assinado pelos moradores, foi solicitado ao Ibama a criação da Reserva Extrativista.

Em seguida, foi criada a Organização das Associações dos Moradores da Reserva, denominada associação TAPAJOARA, que reúne todas as organizações e associações da Reserva e representa legalmente, perante a sociedade e o governo, os interesses dos mais de 18 mil moradores da Resex.

Hoje a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns é uma unidade de conservação utilizada por sua população na base do extrativismo, da agricultura familiar e da criação de animais de pequeno porte. A Resex é gerida por um Conselho Deliberativo, constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das comunidades tradicionais residentes na área. Seu objetivo básico é proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.





Localização

Prainha do Maró está localizada nas coordenadas: W 55° 40' 54,699" S 2° 51' 3,767", na margem direita do Rio Maró, afluente do Arapiuns. É a maior comunidade da Resex na bacia do Rio Maró ficando entre Fé em Deus e São José (estas duas pertencentes à Gleba Nova Olinda I).

Distante cerca de 117 quilômetros em linha reta da sede do Município de Santarém, para chegar até Prainha do Maró é preciso navegar cerca de 9 horas em viagem de lancha rápida ou 20 horas em barco de linha regional. Uma longa viagem em que se pode apreciar as belas paisagens dessa parte da região amazônica, como as observadas pelo arte-educador do Projeto Saúde e Alegria, senhor Magnólio de Oliveira:

Percepções de uma viagem até o Rio Maró

Inverno Amazônico, nos preparamos para mergulhar na magia do igapó, cinco horas e meia de navegação com nosso motor de 115 hp no Rio Tapajós, depois Arapiuns, até chegar no Maró, onde o tenso verde das folhas após a chuva, refletem-se no espelho negro das águas. O denso igapó nos transporta a fantasias sem começo, meio e fim. A diversidade e a quantidade de pássaros oferece um espetáculo de sons e cores. Como perdidos em um imenso delta, algumas vezes precisamos diminuir a velocidade para corrigir o percurso. Um sonho acordado, nossos olhares são atentos para o momento mágico. Lua cheia e pôr-do-sol, simultâneo e paradisíaco. O tempo corre e parece que não passa até que avistamos os primeiros tapiris, com as crianças banhando e os olhares desconfiados que nos miram pelas brechas, onde "paredes tem ouvidos e mato tem olhos".



Um pouco de nossa história

Consta das narrativas dos moradores mais antigos que a comunidade Prainha do Maró foi originada em outro lado do rio, na margem esquerda, onde morava o Sr. Vicente Gama. O nome se dá a uma pequena praia que existia nas proximidades. Quando o Sr. Vicente Gama resolveu se mudar para a margem direita do rio com seus filhos e levou o nome consigo. Nesse tempo só existia São Luiz do Maró e São Francisco, acima de Vista Alegre, segundo o senhor Raimundo Rodrigues.

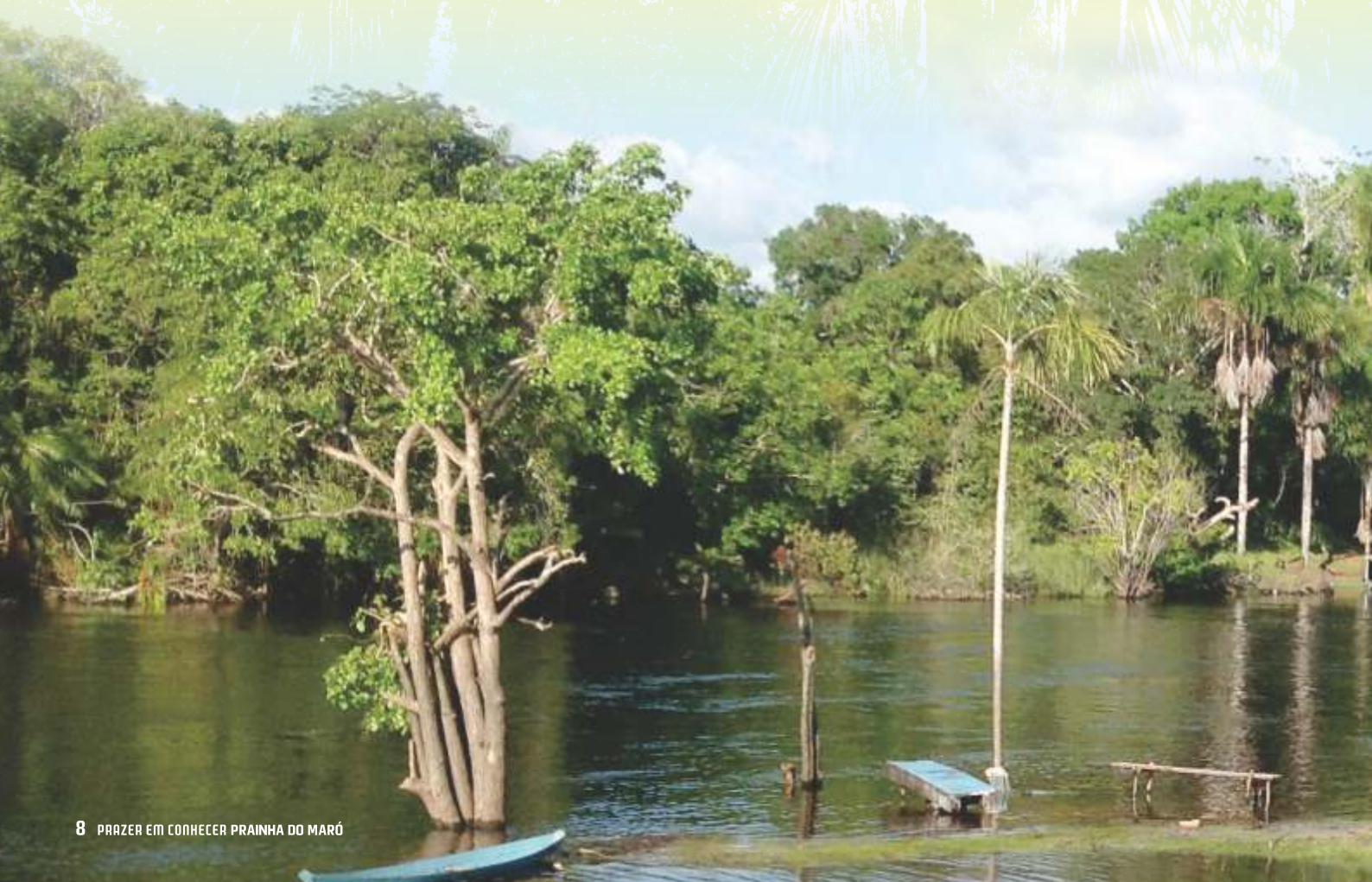
Os dois filhos de seu Vicente Gama se casaram. Manoel Carolino Gama casou-se com Maria Sabina Santos, e Lourenço Gama casou-se com Clotilde Imbiriba Pantoja. Por volta de 1952, os casais se mudaram para o lugar atual de Prainha do Maró.

Esses casais sustentavam-se da caça, pesca e coleta de frutas como a castanha do Pará, piquiá, bacaba e extraíam também óleo de copaíba e o látex da seringueira para fazer o serambi para comercialização. Com o passar dos anos esses casais foram se multiplicando e seus modos de vida também sofreram transformações e começaram o cultivo da mandioca, milho e feijão.



Já havia se passado 27 anos de existência nesse belíssimo lugar, quando os moradores resolveram organizar a comunidade. Foi no dia 19 de maio de 1979, que se reuniram em assembleia geral e chegaram a um acordo de viver em comunidade. Então, durante um culto celebrado pelo Sr. Catequista Valeriano Sousa e sua irmã Laíde Sousa e pelo então coordenador Sr. Lesariano Sousa, foi declarada comunidade de Prainha do Maró. Na ocasião foi eleita a primeira diretoria da comunidade, que tinha a seguinte estrutura: Presidente: Manoel Carolino Gama; Vice-presidente: Geraldo dos Santos; Secretário: Raimundo Rodrigues; Tesoureira: Maria dos Santos.

Após a posse da diretoria eleita, a Sr^a. Clotilde Imbiriba doou uma área de terra pertencente à sua família para a comunidade, com cerca de 400 metros². Em seguida o Sr. Valeriano Sousa e sua irmã Laide Sousa designaram para a catequese as seguintes pessoas: Coordenador geral: Laurimar Imbiriba dos Santos, Silvio Matos, Estaciano dos Santos, Paulo Martinho, Cecília dos Santos, Maria Orenilda, Júlia dos Santos, Francisca dos Santos.





A moradora mais velha, do alto de seus 72 anos, conta com sua lúcida memória as lembranças do começo da comunidade. ***“Eu nasci no Arapiuns, perto do Lago Grande. Quando viemos morar aqui não tinha casa nenhuma. Nós começamos a comunidade. Nós abrimos o lugar e criamos todos os nossos filhos aqui. Existia gente do outro lado do rio. Os primeiros que entraram neste rio diziam que existiam índios. Quem fazia caçada não ia muito pra cima com medo dos índios. Aqui era uma terra preta, quando fazíamos roçado, se achavam caretinhas de coruja, de bicho, achavam também machadinhos. Talvez o índios tenham habitado a área e se mudaram. Não faz dois anos que achamos dois machadinhos, mas eu acho que os padres levaram, pois eles enxergaram e acharam bonito. Aqui o rio era muito bonito, era muito farto. Na verdade, antes era um igarapé. Não era da largura atual”.***

Dona Clotilde continua lembrando saudosa como era a vida no começo da comunidade. ***“No começo era muito animado, tinha trabalho comunitário, o puxirum todos os sábados, era muita gente e festas à noite. Existiam bailes. Quando tinha banda era de violão, violinho, tambor de couro de bicho. Nessa época juntavam curuá, frutas de mato, pequiá, bacaba, óleo de bacaba assim como plantavam banana que eram vendidos pra poder viver. Vendiam pra Santa-rém”***, comenta.

Na memória de Dona Clotilde ainda está presente marcos importantes da história da Amazônia, embora difusas e como fragmentos daquilo que ouvia de seus pais e avós. “Na época da Cabanagem, os padres, os jesuítas, vinham se esconder pra cá”.

Além da fundação da comunidade, outros **marcos históricos** importantes para Prainha do Maró são:

Em 1980, foi construída a igreja católica e criado o primeiro clube de futebol;

No dia 07 de setembro de 1981, fundaram a escola Santo Antônio, sendo as primeiras funcionárias Gil-da Lima do Carmo, Francisca Feitosa, Rosana Sousa Castro e Benedita Sousa.

Em 1998, fundou-se a Igreja da Paz liderada por Estaciano e o Pastor Laércio.

Em junho de 2001, foi construído e inaugurado o posto de saúde, os funcionários que atuaram de 2001 à 2012 foram Dorineia Pereira Nogueira, Ade-nize e Willians Carvalho;

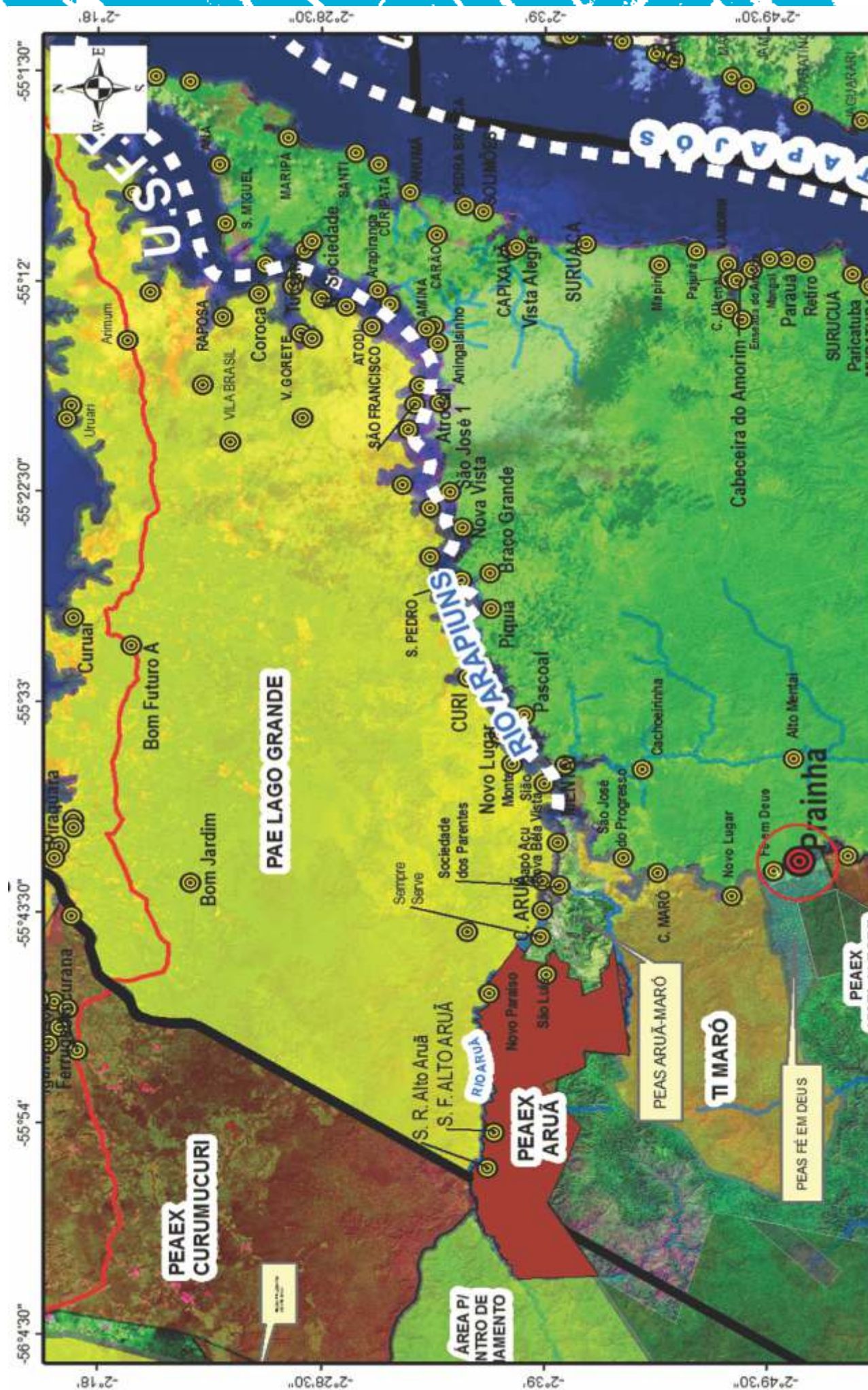
Em agosto de 2010 foi construído o prédio da Escola Santo Antônio e no dia 28 de janeiro de 2013 declarou-se Escola Pólo, com prédio padrão com 15 funcionários e 140 alunos, sendo sete funcionários da escola, filhos da própria comunidade.

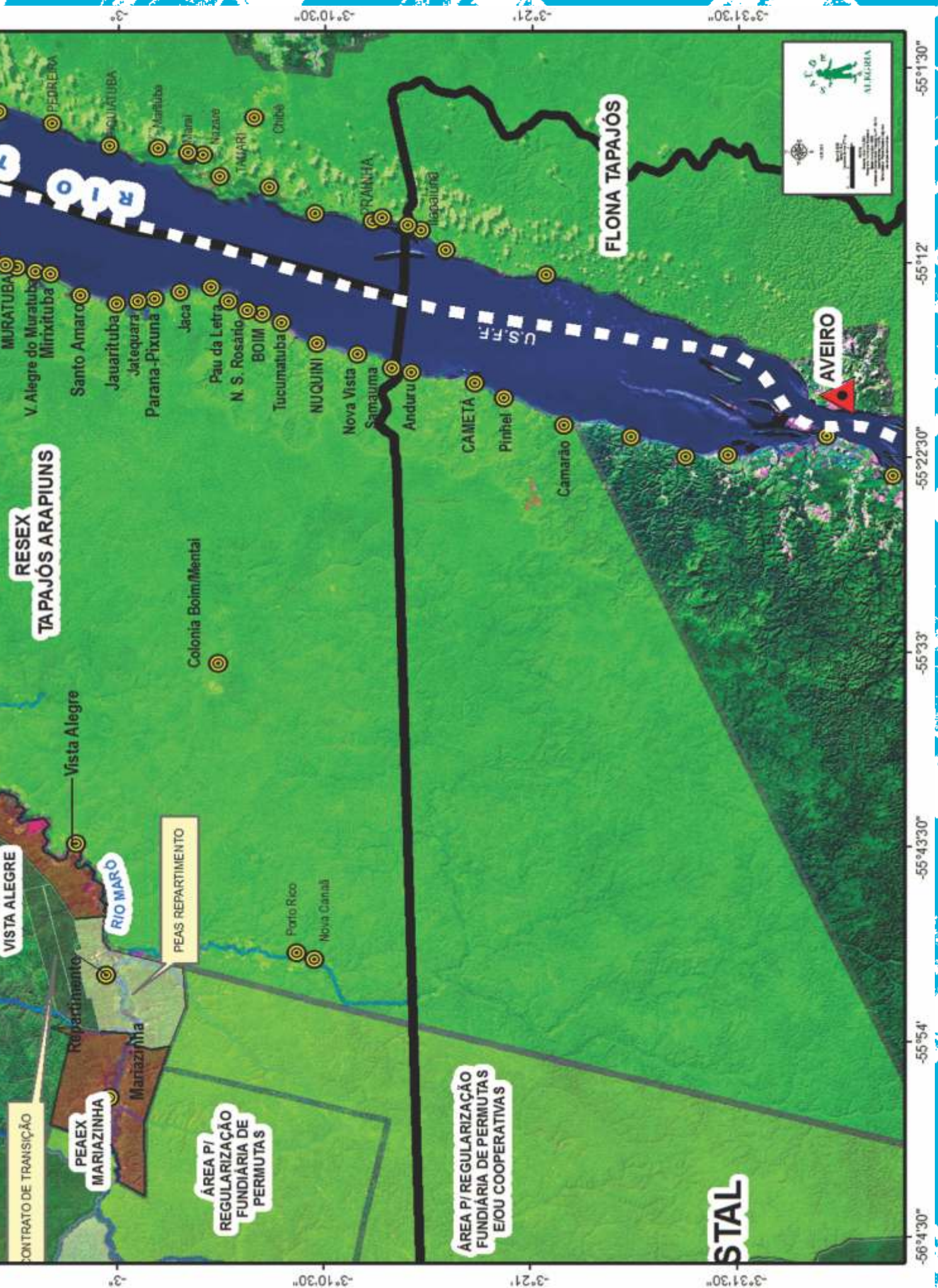
Histórico de lideranças comunitárias:

De 1979 a 2013 foram eleitos por aclamação os presidentes desta comunidade contando nove presidentes, sendo: Manoel Carolino Gama, Paulo Martinho, Estaciano dos Santos, Raimundo Rodrigues, Delson dos Santos, Geraldo dos Santos, José Elenildo da Silva Gama, Márcio Crispim Campos e Francenilce Imbiriba.



ÁREA DE ATUAÇÃO PROJETO SAÚDE E ALEGRIA







A vida como ela é

População

Prainha do Maró é formada atualmente por 45 famílias, 226 pessoas que amam o lugar onde vivem. “As pessoas aqui são muito acolhedoras, pessoas muito gentis, quando a gente adoece são pessoas muito voluntárias... o clima daqui ainda é bem natural, isso é que me chama muita atenção. E da comunidade é o acolhimento. O peixe às vezes é mais ou menos. Quem vem pra cá pode saborear a carne de veado, tatu, paca”, comenta a Professora Gracinha (Graça Isaura). “A gente vai sim para a cidade, mas a gente não se acostuma lá, porque a gente não tem onde se colocar lá, a casa da gente é o barco da viagem”, comenta seu Geraldo dos Santos, sobre o estilo de vida da população.

Transporte

Pra se chegar em Prainha do Maró o meio de acesso são os barcos de linha. O B/M Creio em Deus III “baixa” todo sábado às 7h da manhã. A passagem custa R\$40,00 e se paga por volume de R\$3,00 a R\$4,00. Amanhece no domingo em Santarém. Sai de Santarém de frente do Mercado 2000 na quarta-feira às 12h e chega a Prainha do Maró na quinta às 11h. O B/M O Retorno do Rei também faz viagem de Prainha do Maró para Santarém.



Organização Comunitária

A comunidade está organizada a partir de um Conselho Comunitário presidido pela Sra. Francenilce Imbiriba da Silva. Os moradores também estão organizados na associação denominada Associação Comunitária Extrativista de Prainha do Maró (ASEPRAM) sendo o senhor Raimundo Rodrigues, o presidente atual. Criada em 26 de junho de 2002, teve como primeiro presidente Antônio Viana, e como segundo presidente, Raimundo Rodrigues. Através da associação a comunidade conseguiu vários projetos, mas hoje enfrenta dificuldades financeiras e organizacionais.

Além disso, existe uma delegacia do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, que tem como delegada a Sra. Ilzete Souza dos Santos e 32 associados.

Infraestrutura

A comunidade possui um motor de geração de energia a diesel que funciona algumas horas por noite. Não possui sistema de abastecimento de água encanada. Possui um prédio escolar padrão. Há também na comunidade uma padaria. E apesar de existir um posto de saúde, o mesmo fica frequentemente fechado.



Projetos Comunitários

Quanto aos projetos comunitários, em 2002, foi implantado o crédito de apoio à habitação pelo INCRA. O projeto habitação ainda não foi concluído, nem todas as casas previstas foram feitas.

Outro projeto foi a construção de uma pequena usina de beneficiamento de Andiroba e o levantamento da espécie na área da comunidade, assim como início do projeto de manejo de abelha sem ferrão, que ainda não avançou como poderia.

Teve ainda o projeto de implantação das pedras sanitárias e filtros para tratamento da água para todas as famílias, implantado pelo Projeto e Saúde e Alegria;

Outro projeto executado foi a construção de uma mini usina hidroelétrica que teve à frente o Projeto IARA com financiamento da cooperação Alemã, mas a barragem construída rompeu e por isso, que não deu certo.

A comunidade aguarda com expectativa a implantação do telecentro comunitário para promover o acesso à internet, a inclusão digital dos moradores, através de uma parceria com o Programa Telecentros Br do Governo Federal, ICMBio, PSA e TAPAJÓARA.

Atualmente a comunidade está participando do Programa Floresta Ativa, reiniciando os trabalhos no projeto de viveiros de mudas de plantas frutíferas florestais executado pelo Projeto Saúde e Alegria em parceria com a TAPAJÓARA e ICMBio.

O viveiro é pra fornecer mudas de árvores para os comunitários plantarem nos roçados para que, no futuro, as próximas gerações tenham árvores em sua área. Uma forma de recuperar os roçados após a retirada da mandioca, restabelecendo o ecossistema natural da área.

Economia

As famílias da comunidade de Prainha do Maró vivem economicamente das seguintes atividades: a agricultura familiar, o extrativismo, a venda da madeira e os benefícios do governo.

A venda da madeira é para encomendas, marreteiros, e para as pessoas que fabricam casco de canoa e barcos em que se utiliza principalmente a itaúba.

Existe uma preocupação das lideranças comunitárias com um crescimento da quantidade de moto serras, o que significa aumento na retirada de madeira da área da comunidade por se tratar uma Resex, embora a área retirada esteja longe, a cerca de 02 a 03 horas de viagem, o que significa que não existe madeira perto da vila.

Já na agricultura familiar a atividade que se destaca é o plantio da mandioca para a produção de farinha que é vendida principalmente na cidade. Sacos de farinha são vendidos pelo preço que varia entre R\$120,00 e R\$130,00.

Além do plantio da mandioca, há também uma pequena produção de pimenta do reino. Existem também as criações pra vender e consumir como: galinha, pato, boi. Algumas pessoas criam gado com rebanhos de até 20 cabeças. Alguns moradores reclamam que os bois atrapalham as plantações.

No extrativismo, alguns moradores estão iniciando a extração de óleo de andiroba coletado da floresta às margens dos igarapés. Outra atividade é a caça para alimentação, de espécies como a cotia, porco, veado, nambú, jacú, paca. Na pesca os peixes são: pacú, aracú, traíra, jaraqui, cará, marangua, tucunaré.

Complementam a renda os programas sociais, aposentadorias, bolsa família, bolsa verde e o funcionários públicos que trabalham na escola.





Saúde

Apesar de ter posto de saúde, não há atendimento regular, pois está sem condições de trabalho prejudicando os esforços do auxiliar de enfermagem da comunidade.

O Agente Comunitário de Saúde é o senhor Carlos Alberto Sousa dos Santos, mais conhecido como Foboca ou Carlinhos. Ele trabalha com prevenção em saúde. Para os casos graves, utiliza-se um telefone GlobalStar para pedir socorro médico da cidade. Além disso, existe o Projeto Saúde Bucal feito por um piloto da TAM que leva uma equipe de voluntários até a comunidade. Foi ele que fez a doação do telefone GlobalStar para a comunidade.

Ainda é costumeiro o uso de chás e ervas medicinais na comunidade. Alguns moradores (como dona Clotilde) lembram de receitas que eram ensinadas por um antigo curandeiro da região, o Mirandolino. Ele fazia remédios de ervas, raízes e ensinava quem quisesse aprender. Os remédios caseiros feitos com casca de cumarú, graviola, andiroba ainda são feitos pela Dona Clotilde.

Normalmente para picada de cobra espreme o leite do peão branco e dá pro doente beber. A senhora Maria Edilena fez o curso de parteira. Em geral o pessoal usa remédio caseiro e às vezes dá certo, como cumarú, folha de peão, andiroba.

Educação

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Antônio foi fundada em 1981. Hoje funciona do pré escolar até 8ª série. Possui 179 alunos. No período matutino tem aulas do pré à 5ª série e no vespertino, da 6ª a 8ª séries, e à noite tem as turmas da 3ª e 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Existem 12 funcionários no total, com 6 professores, sendo que a metade deles são de filhos da própria comunidade.

Em 2013 a Escola Santo Antônio se tornou escola polo, com direção, secretaria e auxiliar administrativo. Existem escolas anexas que pertencem a este polo, nas comunidades de Vista Alegre e Canaã. São realizados encontros pedagógicos com essas outras comunidades quando necessário, mas geralmente são bimestrais. Existe uma grande interação entre as escolas. A atual diretora da escola é a professora Lenira Alves da Silva. Alguns meses a merenda chega na data certa e às vezes não chega devido ao difícil acesso. A escola comemora todas as datas comemorativas, mas a mais expressiva é o 7 de setembro. Tem também a festa de colação de grau no final do ano.

Breve histórico da educação

Quando a comunidade ainda não possuía escola formal, um irmão e uma irmã da Dona Júlia Imbiriba, filhos de Dona Clotilde Imbiriba, ensinavam às crianças o ABC. E para a continuação, fizeram uma reunião para que enviassem uma professora, sendo que a primeira foi Gilda Lima de Sousa. A segunda professora foi a Rosana que morava na comunidade Raposa.

Um fato interessante é a presença de uma aluna na melhor idade, sendo ela a mais velha existente na escola, a própria Dona Júlia Imbiriba, 68 anos, que disse que a vontade pelo estudo veio de si mesma. Dona Júlia conta que embora não tenha tido a mesma oportunidade para estudar que os mais jovens tem hoje, ela não quer deixar de aprender. Agora que apareceu o EJA ela aproveitou para “...pelo menos no resto da minha vida eu aprender”. “Eu tenho grande fé em Deus que vou completar os estudos. Estou na terceira série e já consigo fazer leitura e escrever, mas ainda acho minha caligrafia um pouco feia, mas pretendo melhorar. Acho tão bonito os outros escreverem bonito”, comenta dona Júlia.





Religião

Existem três igrejas. A Igreja Católica, sendo o Santo Antônio o padroeiro da comunidade. A primeira Igreja católica foi formada pela dona Júlia, suas duas irmãs e uma nora dela. A primeira igreja era muito pequena e “escangalhou”, e formaram outra que não estava do gosto delas, e a terceira igreja foi a que ficou.

A Igreja da Paz na qual o pastor é Eldo Carmo, que é o mesmo pastor da comunidade Mariazinha. E a Igreja Assembléia de Deus que tem como pastor, Sidclei.



Lazer

Existe a comemoração de Santo Antônio, o padroeiro da comunidade no mês de junho com festa, novena, apresentação de danças, levantamento de mastro; cada noite tem ladinha das pessoas que rezam. Em abril ocorre a festa do 7 de Esporte Clube que faz torneio e tem uma festa social, com música e cerveja. Na comunidade também tem o time feminino que é o São Francisco.



Um pouco de nossa Cultura

Recitas típicas da culinária local:

Tarubá : O tarubá é tirado da mandioca, descascada, cevada, tirada o líquido que chamamos tucupi, deixando a massa ficar seca. Depois se faz um beijú que é um tipo de bolo um pouco assado no forno. Depois molha um pouco o beijú e mistura a massa com uma “puçanga” onde se coloca um pouco de sal e ervas como a folha do curumim. Deixa essa mistura ficar aproximadamente 8 dias numa cama feita de palha ou folha de bananeira. Depois é só retirar a massa que fica fermentada, mistura com água, coa e transformar na bebida. O tarubá pode deixar a pessoa bêbada.

Manicuera: A manicuera é feita com arroz e com cará. O Cará é um tipo de mandioca grande. Tira, rala, espreme para sair o líquido (tucupi), põe pra ferver junto com arroz e está pronto para consumo.

Outros aspectos

A manicuera e o tarubá são feitos pra serem tomados no Puxirum (trabalho coletivo).

O nome do Projeto de Viveiro Comunitário foi dado Puxirum porque dessa bebida, que demonstra uma tradição de união. Essas bebidas são heranças da cultura indígena.



Lendas e Causos

O boto

De acordo com dona Clotilde, a lenda mais famosa é a do boto, que se transforma em homem para seduzir as mulheres da comunidade.

A Cobra Grande

Dona Clotilde lembra de um acontecimento muito comentado desde os tempos remotos da comunidade. “Num campo lá pra cima, chamado Santa Maria, varou uma cobra grande. Ela desceu do campo para o rio. Tinha um velho que morava em uma praia muito bonita onde ele fez uma casa. Num dia ele guardou a canoa dele onde estavam todas as suas ferramentas. Mas aí quando foi 7h da noite, o tempo caiu, deu um temporal muito forte que só se via aquele estrondo. E a cobra grande arreou na dita praia e levou com casa, canoa e tudo. No dia seguinte só se via o escumadeiro e o igarapé com o rastro dela. Existem estórias que dizem que o Mirandolino se transformava em cobra grande. Ele saía da casa dele, na Catarina, e ia por água, e só mais na frente embarcava na canoa, dentro do tabocal que tem na Mariazinha”.

Glossário

Tarubá:

bebida produzida de mandioca

Manicuera:

bebida feita com uso de uma batata chamada Cará

Tucupi:

líquido extraído da mandioca

Tapioca:

pó extraído da mandioca

Puçanga:

mistura de ervas produzidas a partir do conhecimento tradicional com efeito medicinal

Curumim:

criança

Cumarú:

espécie de árvore

Andiroba:

espécie de árvore que produz um óleo usado na medicina tradicional na Amazônia;

Pejeria ou pajelança:

ritual de cura feita pelo pajé ou pessoa com dom da cura, o curandeiro.

FICHA TÉCNICA



EQUIPE

Tibério Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Fábio Pena / Natanael
de Souza / Ellen Acioli / Dinael Cardoso
Anjos

PROJETO GRÁFICO E

DIREÇÃO DE ARTE
Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO
Edinelson Nunes

FOTOS

Acervo PSA, Fábio Pena, Ellem Acioli e
fotógrafos colaboradores

IMPRESSÃO

Gráfica Brasil

TIRAGEM 500 Exemplares

